

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA CIDADE E DO CAMPO: UM OLHAR DO JOVEM RURAL MIGRANTE

Steffi Aline Stark Becker, Universidade Estadual de Maringá, steffi_aline@hotmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo central investigar as representações sociais da cidade e do campo para o jovens procedente do meio rural. Para tanto, utilizou-se, neste estudo a metodologia qualitativa de análise, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas a quatro jovens entre 19 e 24 anos. Como critério para a seleção destas, buscou-se uma variedade de possibilidades quanto a trajetórias educacionais, tendo em comum o fato de serem oriundas do meio rural. Dois motivos podem ser apontados como principais causadores da migração dos jovens: a falta de perspectiva no campo, principalmente econômica, e o desejo de buscar novas oportunidades na cidade, como de trabalho e estudos. Sendo que, esta última, por vezes se relaciona como consequência da primeira. Através deste estudo identificou-se que as representações da cidade é sobrevalorizada enquanto do campo é subvalorizada. Constatou-se ainda que estas representações, tanto da sobrevalorização como da subvalorização da cidade e do campo respectivamente, são formadas historicamente e arraigado em um determinado contexto social, sendo transmitidas aos jovens pelas representações de seus pais.

Palavras chave: Representações sociais; juventude rural; campo e cidade.

1 Introdução

A administração, como pertencente a ciências sociais aplicadas, tem como um de seus objetivos o estudo da sociedade. Entretanto, a grande maioria das obras focalizam o *management*, apropriando-se de apenas um elemento da administração: o sistema administrativo empresarial, desconsiderando outros elementos que compõem a ciência da administração (Guerreiro Ramos, 1983).

Essa inclinação dos estudos da administração a organização/empresas se deve à tradição e hegemonia do discurso do desenvolvimento, criticado enfaticamente por Misoczky; Goulart e Moraes (2010). Esses autores também acentuam a importância de produzir conhecimento capaz de apresentar as ações dos atores sociais em oposição a esse discurso dominante (Misoczky; Goulart; Moraes, 2010). “Esse acúmulo de conhecimento nos apresenta a cidade como obra da civilização, bem como lugar de possibilidades sempre ampliadas para a realização da vida humana.” (Carlos, 2007, p.19).

Nesse sentido, a cidade passa a ser vista como um ambiente que proporciona uma variedade de análises. Portanto, ela tem muito mais a oferecer além das lentes economicistas, e que possibilitam uma compreensão muito mais ampla do objeto cidade. É nesta busca, de uma compreensão ampla e ao mesmo tempo aprofundada, que este estudo é realizado.

O que cabe destacar é que a cidade, a partir das novas abordagens, não é mais considerada “como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão.” (Pesavento, 2007, p.13) onde são ocorrer relações sócias e conseqüentemente culminam em práticas sociais. Dessa forma é possível perceber que a cidade como tal é uma construção complexa, dotada de significados que vão além da visão funcionalista voltadas as práticas organizativas.

Desde os primórdios da historia o campo e a cidade se relacionam, sendo que a cidade surge do campo. Pesavento (2007) declara que a origem das cidades é muito antiga, tendo sempre seu início pautado na agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. A agricultura que antes era apenas para a subsistência, com o passar do tempo, passa a ser uma alavanca para um novo modelo econômico pautado na produção e comércio de bens. Esse processo de transformação culmina na Revolução Industrial no século XVII, onde, em conseqüência da revolução há o desencadeamento do processo de urbanização. A cidade urbana passa a ser um centro e uma referência econômica para o homem do campo, tornando-

se símbolo do desenvolvimento, e esse êxodo rural, difundido na revolução industrial, não teve uma finalização, mas perpetua até os dias atuais.

Sendo assim, a cidade, sempre foi vista pelo homem do campo como um lugar onde “as coisas acontecem”, um centro onde há amplas oportunidades de crescimento e desenvolvimento, o que passa a atrair os jovens, não apenas como um ambiente para negociação da produção, mas como ideal de vida, fazendo com que, ao adentrarem o período da juventude, migrem para esses centros urbanos para beneficiar-se das oportunidades que nele se encontram (Biasus e Branco, 2013).

Com a finalidade de delimitar o período da juventude, instituições de pesquisa de vários países a definem a partir da abordagem cronológica de idade. O Brasil segue o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando como sendo jovens os indivíduos que se encontram na faixa etária entre 15 e 29 anos. Este período é sempre demarcado pelo fim dos estudos, início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária (Carneiro e Castro, 2007). Quando se fala em mulher e campo, nesse mesmo período, sair da casa dos pais, mudando-se para a cidade se mostra uma saída viável devido à desvalorização do trabalho feminino no campo agrícola (Paulilo, 2004).

Todo esse contexto, associado a falta de perspectivas para quem vive da agricultura familiar, levam os jovens a buscar, por meio dos estudos e aperfeiçoamento, uma oportunidade de sair do campo para obter uma vida melhor do que seus pais tiveram. Diferentemente de outrora, esse desejo não vem somente dos filhos, mas provem também dos pais, que pretendem que seus filhos tenham oportunidades melhores do que as suas. Sifuentes (2009) afirma que a maioria dos agricultores incentivam os filhos a continuarem estudando, independente do sexo, com a promessa de obter melhores condições de vida no futuro, e neste também predomina o pensamento de que a vida será mais fácil na cidade.

Esta influência dos pais agricultores para que os filhos busquem oportunidades na cidade pode ser explicada pela Teoria das Representações Sociais difundida por Moscovici (1978) tendo como objetivo explicar os fenômenos do homem a partir de uma perspectiva coletiva, entretanto, sem perder a individualidade dos sujeitos.

De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais possuem uma função constitutiva da realidade. Trata-se de sinal e reprodução de um objeto socialmente valorizado. Corroborando com este argumento Jovchelovitch (2002, p. 65) afirma que as “representações sociais, enquanto fenômeno psicossocial, estão necessariamente radicadas no espaço público e

nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros”. Os processos que determinam estas representações estão submersos na comunicação e nas práticas sociais desenvolvidas pelos grupos, (Gouvêa; Ichikawa & Neto, 2016).

Diante deste exposto, propõe-se neste artigo lançar um olhar sobre as relações entre as representações sociais construídas e desconstruídas do jovem, filho de agricultores, sobre a cidade urbana e o campo, antes e após mudar para a cidade para estudar, procurando identificar a influência e possíveis alterações dessas representações.

Para alcançar o objetivo proposto, busca-se compreender as representações sociais do campo e da cidade que permeiam jovens do campo. Espera-se, portanto, poder compreender como se dão estas representações e se há alterações destas para os jovens que saem da área rural para estudar.

Após esta introdução apresenta-se uma discussão teórica acerca do conceito de representações sociais, bem como de questões da realidade do homem do campo no Brasil e o jovem nesse espaço. Em seguida expomos os procedimentos metodológicos através dos quais o presente estudo foi estruturado, a análise dos dados e as considerações finais.

2 Representações sociais: possibilidade de interação entre sujeito e sociedade

O fenômeno da migração do jovem rural pode ser abordado por diversos pontos de vista, como o econômico ou ainda por meio da compreensão ligada a geografia e mobilidade humana (Medeiros & Moreira, 2009). Entretanto, investigou-se nesse trabalho o que pensa o jovem a respeito da cidade e do campo, visando compreender o fenômeno da migração através das representações sociais que os jovens apresentam em relação ao urbano e ao rural.

A representação social refere-se a uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, onde os conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados, (Naiff; Monteir & Froehlich, 2012), sendo assim, a representação social preocupa-se “com a inter-relação entre sujeito e objeto e como se dá o processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo na construção das Representações Sociais, um conhecimento de senso comum” (Crusoé, 2004, p. 2).

Moscovici (1978), origina o conceito de representações sociais ampliando o conceito de representações coletivas de Durkheim, propondo uma teoria que aliasse saber científico ao conhecimento do senso comum. Para Moscovici (1982), a representação social é um conjunto

de conceitos, proposições e explicações criado na vida cotidiana no curso da comunicação individual, sendo semelhantes aos mitos e crenças nas sociedades tradicionais, podem ser entendidas como uma versão do senso comum, focada na forma pela qual os homens, quanto ao conteúdo de seu pensamento, pensam ou criam suas realidades partilhadas.

De acordo com Moscovici (1978, p. 25) “toda representação é composta de figura e de expressões socializadas”. O autor prossegue afirmando que uma representação social se dá pela organização de imagens e linguagem, que realçam e simbolizam atos e situações que nos são ou se tornam comum. Essas representações do objeto, situação ou ideias, são encaradas de um modo passivo é apreendida pelo indivíduo por meio da consciência individual ou coletiva. Nesse sentido, toda representação é formada de figuras e expressões socializadas estando sempre vinculadas a alguém ou a uma determinada coisa.

Outra definição bem aceita dentro do campo de estudos das representações sociais e que resume suas principais características é dada por Jodelet (1984, p. 361-362) ao afirmar que:

As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tais, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica.

Essa representação possui características quase tangíveis, pois de acordo com Moscovici (1978) elas circulam no meio social, cristalizando-se por meio de falas, gesto e, encontros no universo do cotidiano. Entretanto, por mais que pareça simples apreender a representação social existente, compreende-la conceitualmente não o é, isto pois, ela é uma formação histórica proveniente das encruzilhadas conceituais. Resta, para a presente pesquisa, situar-se em uma dessas encruzilhadas para compreender uma determinada representação social.

Segundo Abric (2001), representações sociais possuem uma organização significativa, isto é, não são apenas reproduções da realidade; estão imersas em um contexto mais imediato e outro mais global. Considera-se que o estudo das representações sociais se dá no cotidiano, onde estas são produzidas para permitir maior adaptação de um determinado grupo a uma realidade que se lhes impõe (Moscovici, 2003). Neste sentido a Teoria das Representações Sociais abordada busca saber como se constroem essas representações, como se dá à incorporação do novo, do não familiar, aos universos comum. Esta construção da representação de acordo com Moscovici (1978) envolve dois processos formadores: a ancoragem e a objetivação. Conforme Sá, “o processo é responsável pelo enraizamento social da representação e de seu objeto” (SÁ, 1995, p. 38).

Moscovici, (1978, p. 110) o processo de objetivação “faz com que se torne real um esquema conceptual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material”. Nesse sentido a objetivação consiste em tornar um determinado conceito concreto e palpável. Já o processo de ancoragem envolve, para Moscovici, “a integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente”, ou seja, “sua inserção orgânica em um repertório de crenças já constituído” (Alves-Mazzoti, 2000, p. 60).

Em resumo, objetivação visa transferir a teoria para a aplicação geral, já a ancoragem refere-se à transformação de algo, antes estranho, em conhecimento familiarizado, (Moscovici, 1978). Simplificando, a objetivação transforma ideias e conceitos, de forma que estes se aproximem da realidade, ampliando a possibilidade de sua compreensão (Gouvêa; Ichikawa & Neto, 2016).

Moscovici (1978, p. 26) ressalta que “a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. Esta concepção é compartilhada por Jodelet (2001), que afirma que a representação social é uma forma de conhecimento socialmente criada e compartilhada, que tem um objetivo prático que colabora para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Alves-Mazzotti (2000, p. 59) destaca que:

[...] as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos que ‘determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das ideias compartilhadas pelos grupos e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas.

Logo a Representação Social é uma construção que o sujeito faz para entender o mundo. Nesse sentido a representação social está relacionada aos símbolos culturais, saberes construídos e significados pelos diversos grupos da sociedade (Almeida & Santos, 2009).

Para compreendermos a maneira como a representação social do jovem rural se forma, é necessário apreender como essas se construíram discursivamente. Na próxima seção será abordado a construção social do homem do campo e o espaço do jovem no campo através do discurso.

Considerando a representação social cabe mencionar que este fora desprezado durante longos anos por ser atribuído a determinados grupos de massa, não detentores do conhecimento formal elitizado (Moscovici, 1978). Entretanto, os estudos relacionados a representação social vem ganhando espaço trazem em seu bojo algumas preocupações importantes, e por meio do presente estudo, acredita-se que ao analisar as representações sociais do jovem rural referente

cidade e ao campo se torne possível compreender um pouco mais sobre este fenômeno complexo que é a migração destes indivíduos.

3 A construção social do homem do campo e o êxodo rural do jovem

O Brasil é um país onde a agricultura é tida como a fonte da produção de alimentos para a sociedade. Nesse sentido a agricultura familiar é valorizada inclusive em âmbito internacional por prover alimentos à sociedade. Entende-se por agricultura familiar aquela que possui a gestão da terra, a propriedade e a execução dos trabalhos realizadas de forma coletiva por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento (Abramovay, 1997).

Nesse contexto cabe mencionar que a agricultura familiar que é extremamente heterogênea, ou seja, inclui desde famílias muito pobres as quais detêm um pedaço de terra, não suficiente para sua própria subsistência, até famílias com elevadas posses tanto de terra, propriedades como de conhecimentos (Buainain; Romeiro & Guanziroli, 2003). Dentro dessa heterogeneidade, pode-se dizer que a valorização mencionada só se dirige a grandes proprietários fundiários, e aumenta proporcionalmente com o tamanho da propriedade, pois carrega em si um status de posse. Inversamente proporcional a essa sobrevalorização está o jovem filho do pequeno agricultor familiar, sendo excluído socialmente por ter sua imagem diretamente ligada ao homem simples, pobre, colono e desprovido de estudos.

Além da desvalorização, para Alves, Souza e Brandão (2006), a principal razão do êxodo rural, reside na baixa remuneração da agricultura, onde 80% dos estabelecimentos rurais com menos de 100 ha não remuneram o empreendedor com mais de 2 salários mínimos, não obstante, 74% deles têm renda negativa. Essa baixa remuneração da terra, dificulta, entre outros, o acesso a recursos básicos como saúde e educação.

Nesse contexto de desvalorização e baixa remuneração da terra, a juventude rural, filho do pequeno agricultor familiar, com apoio de seus familiares, vem aumentando o interesse em sair da propriedade rural. Por mais que hajam incentivos Governamentais para fortalecer a agricultura familiar e minimizar ou reverter o êxodo rural como os Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura - PRONAF, Programa Mais Alimentos e Banco da Terra, o que se observa é que esses incentivos ainda são insuficientes para motivar à permanência da população rural como um todo na terra (Brumer, 2007).

3.1 O jovem rural: do campo para a cidade

Observa-se que nas últimas décadas ocorreu no Brasil um intenso esvaziamento no campo, principalmente de jovens que saem do campo em busca de melhores oportunidades de trabalho (Camarano & Abramovay, 1998). O ato de desvincular-se de seu contexto original traz à tona diversas questões que devem ser abordadas, como a representação social do campo e da cidade para esse jovem. Nesse sentido, as práticas e representações sociais dos jovens oriundo do meio rural, considerando seus contextos sociais, a relação entre campo e cidade e seus projetos de vida, passam a ser tema de investigações quanto ao futuro destes sujeitos (Júnior, 2007).

De acordo com Camarano e Abramovay, (1998) os migrantes oriundos do meio rural são cada vez mais jovens, ressaltando que “na década de 1960, predominavam as migrações na faixa etária de 40 a 49 anos. A cada década, a concentração etária das migrações foi caindo, para atingir, nos anos 1990, sobretudo o grupo entre 15 e 19 anos”. Destaca-se o fato de entre esse migrantes o número de moças predominar ao dos rapazes (Abramovay & Camarano, 1998).

Carneiro (1998) aponta que os jovens sentem-se atraídos pelo modo de vida urbano vendo-o como algo idealizado. Para esses jovens, as cidades são vistas como um local onde há escolas, agitações, movimentações de pessoas, comércio, oportunidades de emprego, conseqüentemente melhoria da renda, bem como é na cidade que eles acessam aos mais diversos serviços (Biasus & Branco, 2013).

Quanto a percepção do meio rural para os jovens, de acordo com Sifuentes (2009) o jovem a relaciona com vida simples, tranquila, harmoniosa, inocente de certa forma e fortemente vinculada a laços familiares. A autora ainda prossegue afirmando que não raras vezes os filhos dos agricultores se sentem excluídos por morarem no meio rural ao referirem sentir vergonha de serem chamados de colonos, essa discriminação colabora para que esses jovens desistam do seu próprio modo de vida, mudando-se para a cidade idealizada, desligando-se da cultura rural (Sifuentes, 2009).

Por estes pontos de vista, pode-se observar que a representação social da vida do campo apresenta menos elementos atrativos do que a da cidade. Em resumo, Matos (2002) apresenta que a saída dos jovens do campo para a cidade se deve à busca pelo “moderno”, o que de acordo com o autor já caracteriza a representação do rural como atrasado ou primitivo, fazendo o jovem deste meio queiram sair do campo entrar nos “moldes” da juventude urbana para não ser visto ou não se ver como atrasado ou “inferior”.

Por meio dessas afirmações já se pode ter uma ideia da representação social da cidade e do campo para esses jovens que estão no meio rural ou advém dele. De modo geral pode-se perceber que as representações tratam o meio rural com uma visão mais negativa no que tange ao trabalho, renda e, como possibilidade de futuro, em contrapartida, a vida no meio rural é vista positivamente quanto aos aspectos relacionados à calma, tranquilidade e qualidade de vida. (Biasus & Branco, 2013).

4 Trajetória metodológica da pesquisa

Para alcançar e compreender como se dão as representações sociais do jovem rural quanto a cidade e o campo, realizou-se uma pesquisa de base qualitativa, desenvolvida a partir do método proposto por Spink (1998). Para alcançar o objetivo proposto inicialmente, buscou-se por meio de entrevista conhecer a representação dos jovens quanto ao campo e a cidade. Para tanto, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. Nelas apenas apresentou-se de forma breve aos participantes o tema da pesquisa e solicitou-se que falassem, livremente, sobre suas vidas. Foram realizadas quatro entrevistas, nos meses de julho e agosto de 2016. Os participantes foram selecionados de maneira aleatória, considerando dois critérios, jovens (considerando como sendo jovens os indivíduos que se encontram na faixa etária entre 15 e 29 anos), que entre si possuem outra característica comum: são filhos de agricultores da agricultura familiar brasileira.

O número de entrevistados se justifica pelo fato de a análise proposta estar centrada na totalidade do discurso, o que a torna demorada conseqüentemente, utiliza-se poucos sujeitos (Spink, 1998). Para compreender como se dá essas representações em diversas realidades encontradas em um mesmo grupo, cada entrevistado possui características que lhe é individual, sendo incomum aos demais participantes. Esta variação pode ser vista no Quadro 1 a baixo:

Entrevistada 1 Kácia – 24	Filha de agricultor	Mudou-se para a cidade para estudar	Continuou na área acadêmica e não pretende voltar para o campo
Entrevistada 2 Cristine – 24	Filha de agricultor	Mudou-se para a cidade para estudar	Voltou para o campo após a conclusão do curso
Entrevistada 3 Alessandra – 19	Filha de agricultor	Reside no campo mas estuda na cidade	Pretende deixar o campo
Entrevistada 4 Ângela - 22	Filha de agricultor	Não saiu do campo e não realizou curso universitário	Não pretende sair do campo

Quadro 1: Caracterização inicial dos entrevistados, elaborada pela autora.

Obedeceu-se a colocação Moscovici, (1978, p. 45) que afirma que “quanto às representações sociais, elas atuam por meio de observações, de análises dessas observações e de noções de linguagem que apropriam à esquerda e a direita, nas ciências e nas filosofias, e tiram as conclusões que se impunham”. Nesse sentido, para a interpretação da entrevista utilizou-se o método análise de conteúdo e observação dos participantes no momento em que esta estava sendo realizada.

Apesar de haver um roteiro predeterminado, a entrevista não se limitou a ele. As questões foram à medida que os participantes descreviam fatos de sua vida. Apenas duas questões pré-determinadas foram mantidas em todas as entrevistas: “o que é a cidade para você?” E “o que representa o campo para você?” As demais questões variaram de acordo com a característica do entrevistado.

Nesse estudo valorizou-se a opinião do entrevistado, isso pois, de acordo com Moscovici (1978, p. 46) “a opinião é, por um lado, uma fórmula socialmente valorizada a que um indivíduo adere; e por outro lado, uma tomada de posição sobre um problema controvertido da sociedade”. O autor ainda complementa que a opinião implica numa reação do indivíduo a um determinado objeto que lhe é dado de forma acabada e independente do ator social (MoscovicI, 1978). As opiniões das entrevistas podem ser analisadas, tanto pela fala como pelas reações das mesmas enquanto respondiam.

Spink (1998) ressalta que todos “os discursos são complexos, mesmo quando pensamos estar entrevistando sobre um tema único”. Observando cuidado ressalta-se que todas as informações proveniente das entrevistas são consideradas importantes e contribuem para a análise da mesma. No contexto da entrevista, por vezes as representações emergem e são captadas durante discurso e não nas respostas de perguntas específicas (Gouvêa; Ichikawa & Neto, 2016).

Para a análise dos dados, as entrevistas foram transcritas e após este processo, novamente lidos e destacados os elementos discursivos que se reportavam ao tema estudado. Após procurou-se apreender as representações sociais quanto ao campo e a cidade que deles emergiam. Consideramos importante salientar ainda que utilizou-se apenas o primeiro nome do entrevistado.

5 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JOVEM RURAL

O presente estudo tem a finalidade de descrever e compreender como se dão a representação social do campo e da cidade por meio da lente de jovens filhos de agricultores familiar. Observou-se que todos possuem um opinião bem formada quanto ao que o campo e a cidade representa para cada um deles, entretanto percebeu-se que, por mais que esse esteja diretamente ligado a sua formação cultural, há uma inquietação quanto ao permanecer ou sair do campo. Ao questionar os entrevistados que estão ou possuem graduação, sobre como viam a cidade antes e depois de ingressar na universidade, todas, responderam de forma similar:

Antes de ingressar na universidade, acreditava que os centros urbanos proporcionavam melhores condições de vida e de trabalho comparado ao meio rural. Hoje tipo, continuo acreditando que os centros urbanos proporcionam melhores condições de vida e de trabalho comparado ao meio rural, o ruim é que aqui dia a dia da cidade é mais estressante, a gente não pode sair de casa porque é perigoso, eu tenho medo. (Entrevistada 1: Kácia – Doutoranda).

Via como um lugar importante para todos... diferente, cheio de coisa legais, sabe. Hoje vejo como um local qualquer sabe, as coisa se tornaram comuns... hoje vejo muito mais perigo na cidade do que quando era pequena e queria por que queria morar aqui. (Entrevistada 2: Alessandra – Graduanda).

Era meu sonho morar na cidade, desde quando era criança, nossa... adorava quando meus pais me levavam lá pra fazer as compras do mês. Sempre estudei no interior ai quando fui fazer o vestibular e passei sabe não pensei duas vezes, me mudei pra cidade, achei um emprego e comecei a estudar. Eu podia ficar no sítio e ir de carro todos os dias pra faculdade, mas não...sabe eu queria sair de lá. [...] depois que fui pra lá viver tudo era novo pra mim, eu tentava agir como se tudo fosse normal, com o tempo tudo ficou normal, acabou a novidade e vi muita coisa ruim... eu não via isso antes... comecei a sentir saudade do sítio (Entrevistada 3: Cristine – Graduada).

Algo semelhante é apreendido no discurso da Ângela, (agricultora) “para mim é a cidade é onde eu busco as coisas que não encontro aqui no sítio, as coisas essenciais”. Apesar de Ângela nunca ter saído do campo, percebe-se em seu discurso essa vontade quando ressalta: “caso eu ingressar na universidade ou conseguir um emprego melhor, sim sairei”. Indagada sobre o que a mantém no campo ela é enfática “a qualidade de vida”.

Observando esses discurso, a opinião que as entrevistas tem em relação a cidade, pode se ver claramente a representação que eles têm dela. Isso pois, de acordo com Moscovici (1978) ao exprimir uma opinião sobre um determinado objeto, pode-se considerar que essa opinião já se constitui em uma representação dele. Para esses jovens a cidade é um lugar que ludibria, com elementos que atraem esses jovens pelo fato de não ter acesso a eles no campo. Entretanto, percebe-se que essa representação sofre alterações após esses mudarem para a

cidade idealizada. Esta lógica de idealização da cidade também é apresentada por Carneiro e Castro (2007), ao apontar que o meio urbano é valorizado pela facilidade de acessar aos recursos valorizados pelos jovens, entre eles o estudo e o trabalho.

Questionadas se sofreram preconceitos por serem do campo, Cristine respondeu que sim “somente em um determinado momento que fui candidata a *Miss* da cidade onde morava, implicavam comigo pelo meu jeito de falar e com minhas vestimentas simples”. De forma similar Alessandra respondeu que sim “as pessoas da cidade nos tratam como caipiras, como pessoas inferiores, pessoas que são escravas, sabe?”. Ângela também alegou que sofreu preconceitos, mas se ateu a um simples e profundo “sim”.

Kácia é estudante de doutorado na área agrária, saiu do campo somente para estudar, diz que não sofreu preconceitos, principalmente pelo fato de ter feito zootecnia, onde a maioria de seus colegas eram filhos de agricultores. Depois da faculdade optou em continuar na carreira acadêmica. Segundo ela, teve uma educação rígida, seus pais sempre cobravam que ela estudasse para ter uma vida melhor, ela ressalta que o que a motivou a continuar estudando foram “as possibilidades de ter um bom trabalho, um bom salário, conhecimento e melhorar a condição de vida minha e dos meus pais”.

De forma similar, Alessandra, graduanda em agronomia ressalta que teve incentivos dos pais, esse se dá, segundo ela “por que hoje é muito difícil ter uma renda garantida morando no interior, não tem salário fixo, não tem decimo e nem férias. Meus pais sabem que essa vida de agricultor não é fácil”, em outro momento ela ressalta que no início seus pais cobravam para que ela cuidasse da propriedade da família “mas hoje não cobram mais, sabe... eles sabem que levam uma vida sofrida lá e acho que querem uma vida melhor pra mim... eu também”.

Nos discursos da Kácia, Cristine e Alessandra, foi apreendido que todas, tiveram incentivos de seus pais para continuar seus estudos, e dispor de melhores oportunidades de vida. A principal representação que pode-se identificar, neste sentido, diz respeito à inferiorização que os próprios pais fazem do campo, no sentido de que este não dispõe das oportunidades que a cidade oferece e a sobrevalorização da cidade como promotora de melhoria de vida para esses jovens. Essa prática, muitas vezes inconsciente de transmissão da representação via comunicação é justificada por Moscovici (1984), argumentando que, no cotidiano as pessoas analisam, comentam filosofias de vida, e esse comportamento têm um decisivo impacto em suas relações sociais, em suas escolhas, na forma como educam seus filhos. Essa representação, transmitida pelos pais e refletida nas próprias representações dos jovens quanto ao campo, pode ser visto nos discursos que se seguem.

Cresci no meio rural, e vi meus pais dando continuidade nas atividades agropecuárias desenvolvidas pelos meus avós. Sempre vi o meio rural como o local de produção de alimentos... oferece diversos tipos de matéria-prima para diferentes tipos de indústrias e consumidores. Sempre considerei que existem prós e contras de viver no meio rural, como contras eu posso mencionar que a maior parte das propriedades rurais estão situadas longe de tudo, longe de supermercados, farmácias, caixas econômicas, cinemas, além disso, as condições de trabalho são piores, na maioria das vezes o trabalho é mais árduo, realizado de sol a sol.

Por outro lado, o meio rural oferece uma tranquilidade que não se encontra nos grandes centros urbanos. Gosto do meio rural e considero extremamente importante o trabalho desenvolvido nas propriedades rurais, principalmente no que refere-se a produção de alimentos, porém, sinto a ausência de programas adequados para estimular a permanência de jovens nas atividades do meio rural (Entrevistada 1: Kácia – Doutoranda).

Kácia comenta que frequentemente vai para o interior visitar os pais e percebe a preocupação deles quanto a “quem cuidara da terra que meus avós deixaram para os meus pais?” ressalta ainda:

[...] gosto do meio rural, só que a ausência de programas adequados que estimulem a permanência de jovens nas atividades do meio rural, a menor qualidade de vida, piores condições de trabalho, por que lá é de sol a sol, sem sábado ou domingo não me motivam a voltar pra lá (Entrevistada 1: Kácia – Doutoranda).

Cristine (graduada) diferentemente de Kácia, voltou para o campo mesmo antes de concluir sua formação acadêmica, percebeu-se em sua fala uma emoção, ressaltando que a relação que ela tem com o “sítio” como a própria denomina, é muito mais forte que seu desejo em morar na cidade.

Eu vejo o sítio como algo que está em mim... é tudo pra mim. Por mais que a vida seja difícil... tudo é longe... nossa pra compra algo diferente, tenho que ir pra cidade... mesmo assim não troco, eu queria a cidade, mas parece que... aqui é meu lugar. (Entrevistada 3: Cristine – Graduada).

Cristine menciona que está grávida e indaga “eu me criei aqui e é aqui que quero criar meus filhos...”. Questionada se num futuro apoiaria seus filhos a sair do campo, responde “se eles acharem que lá é melhor, que terão mais oportunidades eu acho que sim... não vejo problemas, tanto é que eu morei lá né!”

Alessandra (Graduada) ressalta que antes de iniciar sua graduação em agronomia via “como um lugar qualquer, sem graça, sem grande importância para a sociedade”. Entretanto após iniciar seu curso acadêmico reconheceu o valor que tem e que deve ser dado a propriedade

rural. Com gancho nessa resposta, questionou-se se ela, reconhecendo esse valor, pretende fixa-se no campo, Alessandra titubeou, mas respondeu que “não... por mais que sei que cresci lá e até gosto do campo, mas não quero essa vida pra mim sabe”.

Questionados se, ao sair do campo preservam sua cultura de origem, costumes e valores, Kácia responde que “alguns costumes deixaram de ser praticados” devido ao dia a dia da cidade ser diferente. Alessandra “sim, os aprendi e acho certo e não quero mudar”. Já Cristine é mais enfática “tanto que voltei pro sitio, né” e complementa “depois de morando na cidade três anos, minha maior vontade era sair do centro e voltar para minhas raízes”.

De modo geral pode-se constatar que o campo, o meio rural é representado com uma visão mais negativa quando se trata de trabalho, renda, e oportunidades de crescimento pessoal. Entretanto é vista com mais positividade, pela calma, tranquilidade e melhor qualidade de vida que esse meio proporciona. Já a cidade é vista como um lugar de vastas oportunidades, mas que também possui aspectos negativos como a violência e a constante movimentação, aspectos não vistos pelos entrevistados antes de esses mudarem-se para a cidade.

Considerando a perspectiva representacional, pode-se perceber, que os discursos apresentados, mesmo implicitamente, dão conta da inferiorização do campo e sobrevalorização da cidade. O que chama a atenção é que essas representações vem daqueles que estão ou estiverem no meio rural. Entretanto se é do campo que provem o alimento essencial para a sobrevivência da cidade, por que tamanha desvalorização deste, levando inúmeros jovens a sair dele em busca de oportunidades na cidade?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem a finalidade de explicar o fenômeno da migração do jovem do campo para a cidade. Mas sim o objetivo de compreender a representação do campo e da cidade que levam esses jovens a optar por sair ou não do campo. Por meio do presente artigo, ao escutar jovens com trajetórias escolares diferentes, tendo como em comum o fato de serem advindos da agricultura familiar, pode-se confirmar a representação social tanto do campo como da cidade para tais.

Essas representações se repetiram nos diversos discursos. Todos ressaltaram as características positivas do campo, mas ressaltou-se que essas são insuficientes para manter os mesmos no meio rural, levando-os a buscar ou idealizar uma experiência na cidade. Isso pois o campo também possui características negativas associadas ao sofrimento no trabalho, a

desvalorização social, ao preconceito sofrido por morar no campo entre outros fatores que corroborar com a decisão do jovem de saída dele.

Em relação a representação do meio urbano, notou-se que esse é sobrevalorizado em comparação ao campo, foram destacados aspectos positivos e negativos da cidade, mas os aspectos positivos se sobressaem, o que demonstra que os jovens ao migrarem buscam na cidade idealizada melhores oportunidades de vida e valorização mesmo com os ônus existentes.

Apreendeu-se que a representação da cidade e do campo está nitidamente enraizado no pensamento e nas práticas cotidianas e essas não vem somente dos jovens, mas são transmitidas a eles pelos pais. Esse fato pode ser comprovado quando, nos discursos, os jovens ressaltam os incentivos dos pais para darem continuidade em seus estudos e irem em busca de melhores oportunidades na cidade.

Por fim, sugere-se maiores estudos que abordem as questões de gênero e meio rural, relacionando a saída de jovens do campo, somado a outros elementos, ao preconceito de gênero no campo. Tal abordagem pode possibilitar maiores e melhores compreensões deste fenômeno ainda atual.

O presente estudo possui características exploratórias, sendo assim possui limitações quanto as explicações dos achados, entretanto foi possível atingir os objetivo a que inicialmente se propôs e sugere a importância de aprofundar estudos desta natureza, já que o fenômeno migratório, entre outras consequências gera mazelas tanto para o campo como para a cidade, tais como a disseminação da pobreza, pois nem sempre o jovem migrante irá ter o sucesso que buscou na cidade idealizada e a própria crise alimentar, pois sem a manutenção dos trabalhadores no campo a produção de alimentos também declina. Nesse sentido, faz-se necessário conhecer como esse fenômeno se dá em sua origem, para que então possam ser criadas políticas que incentivem o jovem a permanecer no campo.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (Coord.). (1998). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco.
- Abric, J. C. (2001). Las representaciones sociales: aspectos teóricos. In Abric, J. C. (Ed.). *Prácticas sociales y representaciones*. (pp. 11-32). México: Ediciones Coyoacán.
- Almeida, S. A. L., & Santos, V. B. (2009). Um estudo das representações sociais que professoras e professores tem sobre negritude: uma branca trama, um negro drama. *Administração Pública e Gestão Social*, 1(3), p. 23-40.

- Alves-Mazzotti, A. J. (2000) Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: CANDAU, V. M. (Org). Linguagem: espaços e tempo no ensinar e aprender. In: *Anais do X Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)*, Rio de Janeiro: LP&A.
- Alves, E., Souza, G. S. & Brandão, A. S. P. (2006) A situação do produtor com menos de 100 hectares. In Alves, E. *Migração rural-urbana, agricultura familiar e novas tecnologias*. (Coletânea de artigos revistos, pp. 64-83). Embrapa Informação Tecnológica.
- Biasus, F., & Branco, S. S (2013) *Representação social de meio urbano e meio rural de jovens residentes no meio rural*. *Perspectiva*, 37(140), p. 27-37.
- Brumer, A. (2007) A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: Carneiro, M. J.; Castro, E. G. *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X. p .35-51.
- Buainain, A.M., Romeiro, A.R., & Guanziroli, C. E. (2003) *Agricultura familiar e o novo mundo rural*. *Sociologias*, 10, p. 312-347.
- Camarano, A. A., & Abramovay, R. (1998) Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, p. 45-66.
- Carlos, A. F. A. (2007). *O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH.
- Carneiro, M. J., & Castro, E. G. C. (2007) *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Carneiro, M. J. (1998) *Ruralidade: novas identidades em construção*. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 11, p. 53-75.
- CRUSOÉ, N. M. de C. (2004) A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. *APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação - Vitória da Conquista*, Ano II, n. 2, p.105-114.
- GUERREIRO RAMOS, A. (1983). *Administração e contexto brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV.
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2016) A Representação Social do ser negro e sua relação com a constituição do mercado de trabalho em um município de tradição germânica do Oeste do Paraná. *IX Encontro de estudos Organizacionais da ANPAD*. Belo Horizonte.
- Jodelet, D. (2001) Representações sociais: um domínio em expansão. In.: JODELET, D. (Org.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Jodelet, D. (1984) Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Org.). *Psychologie sociale*. (pp. 357-378). Paris: Presses Universitaires de France.
- Jovchelovitch, S. (2002) Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In.: Guareschi, P., & Jovchelovitch, S. *Textos em representações sociais*. (pp. 63-85). Petrópolis: Vozes.
- Júnior, H. P. C. (2007) *Estudo da participação e permanência dos Jovens na agricultura familiar na localidade do ancorado em Rosário da Limeira – MG*. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade). Centro Universitário de Caratinga. Caratinga: UNEC.,
- Matos, A. G. (2002) Desenvolvimento, autonomia e academia. In: Lima, D. M A., & Wilkinson, E. J. (orgs). *Inovação nas tradições da agricultura familiar*. Brasília: CNPq/Paralelo 15.
- Misoczky, M. C.; Goulart, S.; M., Joysi. (2010) A ditadura do discurso do desenvolvimento em questão: das críticas proscritas a concepções emergentes. In: *Anais do VI Encontro de Estudos Organizacionais*, Florianópolis-SC.
- Medeiros, E. R., & Moreira, I. T. (2009) *Expectativas de jovens rurais quanto à migração: o caso de Cacimba de Dentro/PB*. *Geografia em debate*, 3(1), p. 186-212.

- Moscovici, S. (2003) A história e a atualidade das representações sociais. In S. Moscovici (Ed.). *Representações sociais: Investigações em psicologia social* (pp. 167-214). Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (1978) *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1982) On social representations. In Forgás, J. P. (Ed.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding*. (pp. 181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1984) The phenomenon of social representations. In S. Moscovici (Ed.). *Social representations*. (pp. 3-70). Cambridge: Cambridge University Press.
- Naiff, L. A. M., Monteiro, R. C., & Froehlich, J. M. (2012). O universo rural nas representações sociais de estudantes de ciências agrárias em duas diferentes regiões geográficas. *Psicologia e Saber Social*, 1(1), p.85-94.
- Paulilo, M. I. S. (2004). Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Estudos Feministas*, 12(1). p. 229-52.
- Pesavento, S. J. (2007). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, p. 11-23.
- SÁ, C. P. (1995) Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, M. J. (Org). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Sifuentes, L. S. (2009). Recepção televisiva por jovens rurais: Um estudo sobre as representações do campo e da cidade. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Blumenau-SC.
- Spink, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: Guareschi, P., & Jovchelovitch, S. *Textos em Representações Sociais*. (pp. 117-145). Petrópolis: Vozes, 1998.